

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS

O MÉTODO TIQUETAQUE
Uma proposta no ensino do ritmo

Eliézer Alves Corrêa

Rio de Janeiro

2011

O MÉTODO TIQUETAQUE
Uma proposta no ensino do ritmo

Eliézer Alves Corrêa

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Instituto Villa-Lobos da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito parcial para a conclusão do curso
de licenciatura em artes (música).

Orientador: Helder Parente

Rio de Janeiro

2011

O MÉTODO TIQUETAQUE
Uma proposta no ensino do ritmo

Eliézer Alves Corrêa

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Villa-Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a conclusão do curso de licenciatura em artes (música).

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Mônica Duarte – UNIRIO

Helder Parente – UNIRIO

Silvia Sobreira - UNIRIO

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio.

Aos professores: Avelino Romero, Adriana Miana, Eduardo Lakschevitz, Helder Parente pela contribuição que deram à minha formação.

À amiga Karim Verthein e ao amigo Raphael Freitas pela sempre boa vontade em me ajudar.

À minha noiva Rafaela Calvet por ser a melhor amizade da minha vida.

Ao professor André Santos por todos os ensinamentos dados.

Ao mestre Eliseu Moreira Costa que me mostrou que o caminho é bem maior do que pensava e por me ajudar a trilhar esse caminho.

CORRÊA, Eliézer Alves. “MÉTODO TIQUETAQUE – Uma proposta no ensino do ritmo”. Rio de Janeiro: Instituto Villa-Lobos/UNIRIO, 2011. TCC (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a análise e a divulgação da parte da contagem da subdivisão do tempo musical, especificamente a parte da silabação, através da onomatopeia popularmente conhecida como “tiquetaque”. Essa contagem é usada em um método de bateria e percussão criado pelo professor Edgar Nunes Rocca (Bituca) desenvolvido pelo professor Eliseu Moreira Costa e é utilizado na Escola de Música Villa-Lobos pelo próprio Eliseu Moreira Costa e pelo professor André Santos. Veremos opiniões de profissionais que estudaram com o método e relatos de educadores que utilizam o método no ambiente de ensino.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I.....	12
1.1 Professor Eliseu Moreira Costa	12
1.2 Professor André Santos	13
1.3 O método	15
CAPÍTULO II	26
2.1 Entrevistas	26
2.1.1 Entrevista de Almir Sodré	27
2.1.2 Entrevista de Anderson Clayton dos Santos	27
2.1.3 Entrevista de André Silvestre Fernandes	28
2.1.4 Entrevista de Ayres D'Athayde	28
2.1.5 Entrevista de Cássio Acioli	29
2.1.6 Entrevista de Clarice de A. M. Levy Tavares	29
2.1.7 Entrevista de Leonardo Bandeira	30
2.1.8 Entrevista de Luciano Lourenço Gonçalves	30
2.1.9 Entrevista de Marcos Antonio	31
2.1.10 Entrevista de Mauri de Oliveira	31
2.1.11 Entrevista de Milton Carlo Vicente	32
2.1.12 Entrevista de Nirailton Nascimento Soares	32
2.1.13 Entrevista de Paula Buscácio V. Ramos	33
2.1.14 Entrevista de Rafaela de Oliveira Calvet	34
2.1.15 Entrevista de Raphael D'Oliveira	34
2.1.16 Entrevista de Sebastião Marcos Neto	35
2.1.17 Entrevista de Sérgio Naidin	35
2.2 Relatos	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

O estudo do ritmo, no que se refere à subdivisão do tempo, é feito de diversas formas e grande parte dos métodos utiliza uma sílaba, letra, ou número para representar cada parte do tempo.

Ex. Um grupo de 4 semicolcheias pode ser representado por:

1 2 3 4

1 I E A

1 E 2 E

Ta Tu Ti Tu

Ta Ta Ta Ta

Pa Pa Pa Pa

Nota-se que nesses casos (mesmo no que utiliza números), existe uma certa abstração nas representações da parte do tempo, pode se dizer que são palavras soltas sem significado concreto.

Geralmente, o começo do estudo de instrumentos de percussão se dá através de instrumentos de sons indeterminados (normalmente tambores), ou seja, não existe altura definida, trabalha-se somente o ritmo nesse início de estudo (posteriormente começam a ser estudados instrumentos de sons determinados como os teclados barrafônicos e os tímpanos). A abstração, anteriormente referida, da subdivisão do tempo, pode ser para alguns estudantes, um fator dificultador no entendimento teórico e conseqüentemente na execução musical.

Esta monografia se propõe a analisar e divulgar a parte da contagem da subdivisão do tempo musical (especificamente a parte da silabação) de um método de percussão e bateria que é utilizado na Escola de Música Villa-Lobos atualmente pelos professores Eliseu Moreira Costa e André Santos, nos cursos básico de percussão, básico de bateria, técnico de percussão e técnico de bateria que considero ser capaz de amenizar os efeitos dessa abstração referida anteriormente.

Esse método foi elaborado pelo percussionista e baterista Edgar Nunes Rocca (mais conhecido como Bituca) e continuou sendo desenvolvido e aperfeiçoado pelo professor Eliseu Moreira Costa.

As motivações que me levaram a fazer um trabalho de conclusão de curso sobre este método são muitas, mas principalmente o fato de que eu estudo bateria e percussão com este método desde os meus dezesseis anos de idade. Também já trabalhei como professor de bateria utilizando este método, sempre o considerei eficaz e de grande ajuda para uma melhor execução musical no que se refere à precisão. Durante o período em que fui aluno do curso básico de percussão da Escola de Música Villa-Lobos, muitos alunos de outros instrumentos freqüentavam a aula de percussão para exercitarem a execução rítmica sem nenhuma pretensão de se tornarem percussionistas. Outro estímulo para o meu trabalho se deve ao fato de observar na minha vida de estudante de música, que o estudo do ritmo, em muitos casos, ocupa um lugar de pequena importância no estudo da música, sendo colocado em um patamar inferior ao estudo melódico e harmônico como nos diz Gramani no seu livro *Rítmica*:

O ritmo em nosso ensino tradicional é considerado um elemento eminentemente matemático; se conseguirmos somar $2 + 2$ saberemos executar um ritmo. Essa idéia além de apresentar uma realidade parcial do fenômeno rítmico, colabora para que o mesmo se distancie muito do discurso musical, ocupando um lugar de pouca importância no estudo da música. (Gramani, 2007, pág. 11)

Neste trabalho de pesquisa eu pretendo falar um pouco da vida dos professores André e Eliseu e explicarei como o método é aplicado, tentarei entender quais idéias levaram Edgar Nunes Rocca a criá-lo. Colhi opiniões de alunos de percussão e bateria (antigos e atuais) a respeito do método a fim de tentar comprovar a sua eficiência.

Para alcançar os objetivos citados, utilizei um questionário com os alunos e profissionais que passaram pelo método. Também fiz entrevistas com os professores Eliseu e André. Esses dados foram confrontados com minha experiência pessoal como professor de bateria.

CAPÍTULO I - OS PROFESSORES E O MÉTODO

Este capítulo se propõe a divulgar um pouco da trajetória musical dos professores Eliseu Moreira Costa e André Santos até o momento em que passaram a utilizar o método com frequência, revelar as suas próprias impressões para com o método enquanto estudantes, além de tentar entender o processo de criação do método e mostrar como o método é aplicado.

1.1 Professor Eliseu Moreira Costa.

Eliseu Moreira Costa, nasceu no Rio de Janeiro nasceu em 1952, é timpanista percussionista, chefe de naipe e primeiro solista da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, professor de percussão e bateria na Escola de Musica Villa Lobos e na Academia de Música Lorenzo Fernandez, além de ser instrutor de percussão na FAETEC de Marechal Hermes. Como baterista já tocou e gravou com diversos artistas da música popular brasileira. Eliseu foi e ainda é professor de diversos percussionistas e bateristas que hoje atuam no mercado de trabalho musical no Rio de Janeiro e no Brasil.

Seu interesse pela música começou com cinco anos de idade quando “batucava” em tambores e cantava com seus amigos de rua. na Penha (RJ). Continuou tocando e além dos tambores começou a tocar bateria, sempre por conta própria. Manteve-se tocando por conta própria e começou a atuar profissionalmente. até que, aos dezessete anos, houve necessidade de começar os estudos, pois nessa idade começou a tocar em um conjunto de música popular formado pelos filhos do bandolinista Lupércio Miranda chamado “Os Herdeiros”. Esse grupo viria a se apresentar em uma casa de show chamada Capela na Rua Mem de Sá na Lapa e para

tocar nesta casa de show era necessário ter o registro na Ordem dos Músicos do Brasil. Assim, Eliseu começou seus estudos com o músico Jaime Careca, que Eliseu conheceu no Capela.

Esse estudo inicial ficou um pouco prejudicado e sem sequência, pois Eliseu já atuava regularmente como baterista e não dispunha, naquele momento, de tempo para frequentar aulas. Nessa época, Jaime já havia orientado Eliseu a ter aulas com Edgar Nunes Rocca na Escola de Musica Villa-Lobos, mas foi somente com vinte e cinco anos que Eliseu conseguiu ir a Escola de Música, quando começou seus estudos ininterruptos. Logo de início seu relacionamento com o professor Edgar foi muito bom. Eliseu costuma dizer que Edgar foi a sua mãe musical.

Suas primeiras aulas já foram com o método silábico que aqui irei chamar de “Tiquetaque”. As primeiras impressões obtidas eram de que o método era muito mais eficiente do que a forma considerada tradicional (subdivisões com números), que já havia estudado com Jaime. Segundo Eliseu, este método facilitou a sua compreensão e, conseqüentemente, a execução musical, ajudando-o a discernir subdivisão de número de compassos.

Eliseu foi aluno de renomados professores de sua época, dentre ele podemos citar José Cláudio das Neves, Hugo Tanini, Dexter Dwight, David Johnson, Roland Kohloff.

1.2 Professor André Santos.

André Santos nasceu no Rio de Janeiro nasceu em 1969, é timpanista, percussionista e chefe de naipe da Orquestra Sinfônica Nacional da Universidade Federal Fluminense – OSN-UFF. É professor de percussão e bateria da Escola de Música Villa-Lobos e no Centro de

iniciação musical – CEIM, é membro do grupo de choro “Água de Moringa”, como baterista, tendo já tocado e gravado com diversos artistas da música popular brasileira.

André vem de uma família de músicos amadores e teve o seu primeiro contato com a música ainda criança com a sua avó que tocava piano. Porém, ela nunca lhe deu aula de música. Foi com sua mãe que André, ainda muito novo, teve um primeiro contato com uma partitura através de um livro de piano, mas não chegou de fato a estudar leitura e escrita musical. Com 11 anos André pediu um tarol de presente de aniversário, pois na sua escola tinha uma banda de tambores e cornetas e a parte dos tambores lhe despertou interesse. Começou, então, a batucar o seu tarol em casa acompanhando os discos de música popular que tinha em casa.

Por volta dos 13 anos foi fazer aula de teoria musical com um primo que tocava trompete que lhe indicou aulas de bateria com o músico Mauro Jerônimo com quem André foi ter aula por volta dos 14 anos. Mauro conhecia o método silábico “Tiquetaque” através de Edgar Nunes Rocca, porém não o aplicava pois Mauro era deficiente visual (popularmente ele era conhecido como Mauro Cego) e depois de uns três anos ele indicou para André a Escola de Música Villa-Lobos para ter aulas com Edgar N. Rocca, onde André começou a ter aulas com o método “Tiquetaque”. Cerca de dois anos depois, o curso de percussão da escola ficou parado pois, por motivos pessoais, Edgar parou de dar aula. Então, André foi ter aulas com o baterista Tutty Moreno. Nessas aulas, Tutty passava exercícios de leitura e técnica de bateria. Porém, André não aplicava o “Tiquetaque” nessas aulas. André voltou para a Escola de Música Villa-Lobos e dessa vez foi ter aula com o professor Eliseu Moreira Costa. Um ano depois começou a dar oficinas de percussão e bateria na escola e no ano seguinte se tornou professor da escola. André ministrava aulas para os alunos iniciantes e então depois de um determinado período esses alunos iam sendo encaminhados para outros professores. Um

desses professores reclamou que um aluno não estava conseguindo ler os exercícios, pois André ainda não usava o “Tiquetaque”, ele recebeu então o programa da disciplina e começou a aplicar o método.

André acha o método mais eficiente e mais prático principalmente quando falamos de coordenação para bateristas. Para ele, o fato de pulsar as partes do tempo o ajudou a perceber com mais clareza onde que cada peça da bateria ficava no tempo, fazendo com que as partes do corpo (pé direito, pé esquerdo, mão direita e mão esquerda) trabalhassem juntas, tornando a coordenação mais prática. Para ele o método contempla diversos aspectos do desenvolvimento do ritmo em geral: leitura prática, precisão e no caso da bateria ou qualquer situação onde exista mais de uma voz, a coordenação.

1.3 O Método.

Tendo em vista que o autor do método, Edgar Nunes Rocca, já faleceu (1996), tentarei, aqui, entender, a partir do próprio método e das declarações dadas por Eliseu, como surgiu e se deu o processo de criação desse método.

Edgar Nunes Rocca demonstrava uma preocupação muito grande com a pulsação, subdivisão e com a precisão rítmica como podemos notar no seu livro de “Ritmos Brasileiros e seus Instrumentos de Percussão” onde diz na seção A PULSAÇÃO RÍTMICA:

Temos ainda um outro fator importante para uma boa interpretação de ritmos. Trata-se de trabalharmos com a pulsação rítmica que sempre está por trás de cada música. Ela aparece subjetivamente, de uma forma abstrata, e seria como a subdivisão do compasso em partes iguais através das figuras de menor valor.

Podemos aproveitar essa pulsação como guia dinâmico para a colocação de cada figura que compõe o ritmo no seu exato ponto de articulação. (Rocca, 1986, p. 8)

Em sua entrevista, Eliseu relatou que uma grande temática de Edgar, era afirmar que os percussionistas e os bateristas deveriam se comportar igual a um relógio, no caso, com a

precisão rítmica de um relógio. Todos nós sabemos que o som produzido pelo relógio, onomatopoeicamente é conhecido popularmente como tiquetaque. A partir deste ponto podemos admitir que uma das idéias que impulsionou a criação deste método era o som que a máquina do relógio produzia inserido dentro da música (para a contagem das quatro semicolcheias), não necessariamente no ensino musical, tendo em vista que Edgar pode ter tido esta idéia primeiramente só para execução, o que é até mais provável, pois um caso como este, normalmente, a ideia começa a ser trabalhada, colocada em prática em situações do cotidiano musical, depois colocada em prática com outra pessoa, mais tarde com um grupo de pessoas, recolhe-se algumas informações e impressões dos envolvidos até se chegar a conclusões primárias e a partir deste ponto iniciar a criação de um sistema ou método propriamente dito.

Na biblioteca da Escola de Música Villa-Lobos, encontrei no material didático da disciplina percussão junto com uns exercícios escritos a mão pelo professor Edgar N. Rocca. Em seu livro “Método Completo de Bateria” ele explica um pouco a consistência do método:

Para aqueles que ainda não sabem ler música, começaremos com um breve aprendizado da leitura dos valores musicais, sem a qual torna-se impossível estudar esse método. Através de um sistema prático, que intitulamos “Sistema ti-que-ta-que”, o iniciante aprenderá a dividir (ler) os clichês rítmicos que encontrará neste trabalho. Este sistema consiste no aproveitamento da idéia rítmica emitida pelas máquinas dos relógios, através do seu ti-que-ta-que, para servir de ponto de referência na orientação dos primeiros passos no aprendizado da leitura corrida da divisão musical. O “Sistema Ti-que-ta-que” não só se justifica por dar pontos de referência para a articulação dos desenhos rítmicos dentro de uma medida regular e exata, de uma forma bastante prática, como também faz com que o iniciante comece logo aprendendo a trabalhar com a pulsação constante que sempre está por trás dos desenhos rítmicos. (Rocca, 1986, p. 6)

Novamente, podemos reparar que Edgar N. Rocca manifesta a importância da pulsação e da exatidão rítmica nas subdivisões.

Visto isso começarei a mostrar como o método é aplicado atualmente, lembrando que vou me ater somente à parte da subdivisão e não discutirei a questão da técnica dos instrumentos de percussão.

O método aqui está sendo chamado de Tiquetaque, porém não é a única palavra usada para contar as subdivisões, temos ainda Tiquetaquetaque, Titata e Tita. Cada uma dessas palavras é usada para contar a subdivisão de um grupo de notas. Fica distribuído da seguinte forma:

Tiquetaque = 4 semicolcheias

Tiquetaquetaque = 6 semicolcheias (compasso composto)

Titata = Quiáltera de três notas

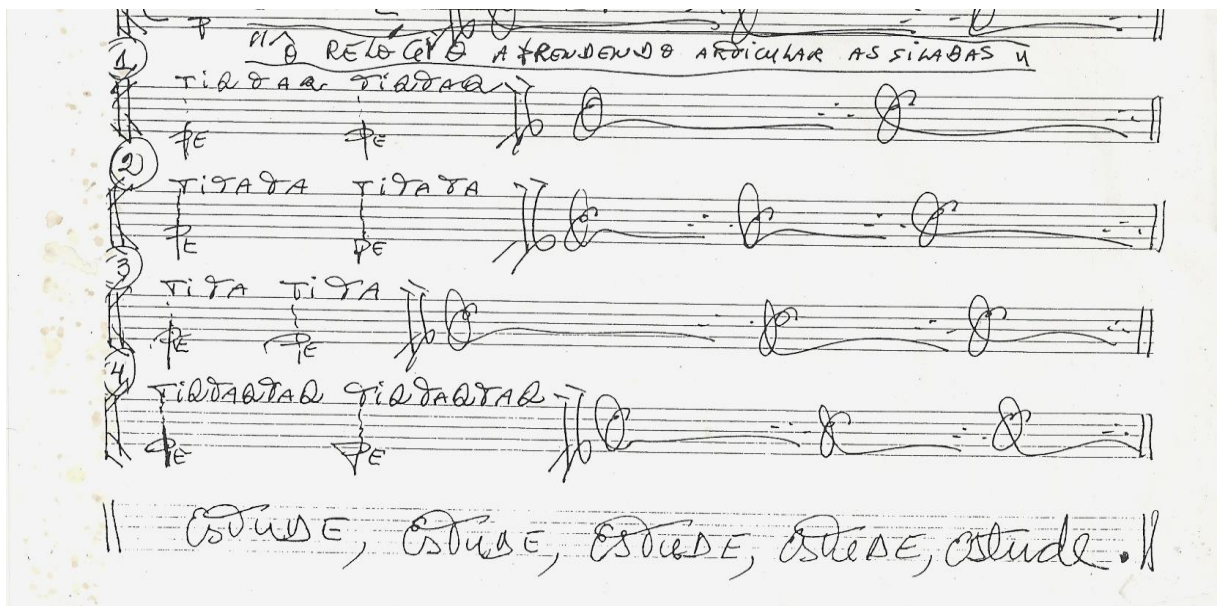
Tita = 2 colcheias

Cabe neste momento do trabalho apontar que as palavras Tiquetaque e Tiquetaquetaque foram colocadas no método pelo professor Edgar N. Rocca, e as palavras Titata e Tita só foram colocadas mais tarde, pelo professor Eliseu M. Costa. Podemos então constatar que quando Eliseu foi ter aula com Edgar, as palavras Titata e Tita ainda não eram usadas. Eliseu relatou que ele achou essas palavras há muitos anos atrás em um pequeno livro de iniciação musical, e que ele não se recorda que livro é esse.

A apresentação do método consiste em pedir para o aluno marcar com o pé todas as sílabas Ti, (todas as palavras do método começam com a sílaba Ti, então na verdade, o aluno está marcando o pulso com o pé) e ao mesmo tempo fale, com regularidade, toda a palavra Tiquetaque, o professor demonstra esse processo para que os alunos possam reproduzir. Esse processo é repetido algumas vezes até que o professor constate que todos os alunos entenderam o que deve ser feito, depois o mesmo processo é executado nas outras palavras, Titata, Tita e Tiquetaquetaque. Essa apresentação pode ser feita com giz no quadro ou diretamente no exercício semanal que o aluno levará para casa. Esses exercícios semanais são

exercícios elaborados pelo professor Eliseu e feitos a mão por ele próprio (são os mesmos exercícios aplicados pelo professor André Santos).

Mostrarei a primeira folha do método, (outras folhas aparecerão durante este trabalho e atento para que o leitor não se prenda à numeração dessas folhas, pois as elas mudam com alguma frequência, devido ao fato de que Eliseu está constantemente reformulando os exercícios, buscando sempre um melhor rendimento e uma maior praticidade do método). Nesta primeira folha não existem exercícios de leitura, o que temos são uns exercícios para fixar as sílabas.



Exemplo 1.

Esta folha e todas as outras que aparecerão no decorrer deste trabalho de pesquisa estão editadas propositalmente. As partes que contém os exercícios de técnica de percussão foram cortadas, pois como já foi mencionado anteriormente esta parte do método não será discutida.

Os alunos levam essa folha para casa e passam a semana treinando os exercícios silábicos concomitantemente com os exercícios técnicos (que não apareceram no exemplo propositalmente devido à edição). Após essa primeira semana, uma segunda folha é apresentada, agora contendo exercícios de leitura rítmica que serão tocados pelos alunos. Nesse momento, junta-se ao pé que sempre marca a sílaba Ti (marca o pulso) e a voz que fala toda a palavra (conta toda a subdivisão do tempo), as mãos (baquetas) que tocam os exercícios em um tambor (muitas vezes usa-se um praticável para substituir o tambor), como veremos no próximo exemplo.

The image shows a page of handwritten musical notation for rhythmic exercises. The exercises are numbered 1 through 10. The syllables used are 'TIQUETAQUE', 'TITATA', 'LAS SEMICOLCHEIAS', 'LAS COLCHEIAS', and 'REPARAÇÃO PARA COMPASSO COMPOSTO'. The notation includes stems, flags, and beams to indicate rhythmic values. Some exercises have circled numbers indicating specific measures or patterns. The page is written in black ink on a white background.

Exemplo 2.

Esses exercícios de leitura têm o seu nível de dificuldade aumentado gradativamente semana após semana, sempre cada exercício utilizando somente uma das quatro palavras, como podemos notar no exemplo anterior onde temos a seção das semicolcheias (Tiquetaque),

a seção das tercinas (Titata), a seção das colcheias (Tita) e a seção das semicolcheias no compasso composto (Tiquetaquete).

Após algumas semanas chegamos a um ponto onde as palavras começam a serem usadas nos mesmos exercícios, ou seja, temos as pulsações diferentes em um mesmo exercício como podemos notar no exemplo a seguir.

MISTURA DE SIMBAS PULSANTES 4 (1^o) A

① TITA TITATA ② TITATA TITA ③ TITA TITATA
TITATA TITA
② Tiquetaquete TITATA ④ TITATA Tiquetaquete
Tiquetaquete TITATA ④ TITATA Tiquetaquete
③ TITA TITATA Tiquetaquete
Tiquetaquete TITATA TITA

Exemplo 3.

Um pouco adiante as palavras Tiquetaque e Titata são inseridas dentro dos compassos compostos, como nos mostra o exemplo.

12º *MLLA* *1º PER* TITATA NOS COMPASSOS COMPOSTOS *12º A*

The image shows a handwritten musical score for a piece titled 'TITATA NOS COMPASSOS COMPOSTOS'. The score is written on a grand staff with three systems of staves. The first system is for the word 'TITATA' and the second for 'TIQUETAQUE'. Each system consists of a vocal line and a piano accompaniment line. The piano accompaniment is written in a 3/8 time signature, which is a compound meter. The notes are marked with 'PE' and '7E' to indicate specific rhythmic values. The score includes various musical notations such as rests, beams, and dynamic markings. The word 'TITATA' is repeated in the first system, and 'TIQUETAQUE' is repeated in the second system. The score is numbered '12º' and '12º A'.

Exemplo 4.

Depois de algumas semanas, as palavras Tiquetaquetaque e Tiquetaque são colocadas juntas para que os compassos alternados possam ser estudados. Seguem os exemplos: (Esta parte do método foi elaborada pelo professor Eliseu M. Costa).

MISTURANDO Tiquetaquetaque com Tiquetaque

1 Tiquetaquetaque Tiquetaque

2 Tiquetaquetaque Tiquetaque

3 Tiquetaquetaque Tiquetaque

4 Tiquetaquetaque Tiquetaque

MISTURANDO Tiquetaque com Tiquetaquetaque

1 Tiquetaque Tiquetaquetaque

2 Tiquetaque Tiquetaquetaque

3 Tiquetaque Tiquetaquetaque

4 Tiquetaque Tiquetaquetaque

5 Tiquetaque Tiquetaquetaque

6 Tiquetaque Tiquetaquetaque

Exemplos 5 e 6.

COORDENAÇÃO RÍTMICA II

1 TITA TITA TITA TITA FIM DE UM CICLO

2 TITATA TITATA TITATA TITATA PARABENS

3 TIQUETA TIQUETA TIQUETA TIQUETA PARABENS

4 TIQUETA TIQUETA TIQUETA TIQUETA PARABENS

5 TIQUETA TIQUETA TIQUETA TIQUETA PARABENS

6 TIQUETA TIQUETA TIQUETA TIQUETA PARABENS

7 TIQUETA TIQUETA TIQUETA TIQUETA PARABENS

8 TIQUETA TIQUETA TIQUETA TIQUETA PARABENS

Exemplo 8.

Pelos exemplos dados podemos notar que cada nota é escrita exatamente embaixo da sílaba pulsante, o que é mais um ponto de apoio para o aluno, pois além de falar a subdivisão ele está vendo aonde a nota deve ser tocada. Podemos observar também que as palavras Tiquetaque, Titata, Tita e Tiquetaqueta são, em um primeiro momento, uma espécie de esqueleto para as células rítmicas, onde se fala toda a palavra mas só se toca aonde tem nota escrita. Por exemplo, quando temos uma colcheia pontuada e uma semicolcheia se fala toda a palavra mas só se toca no Ti e no último Que. Após um período de adaptação (que varia muito

de aluno para aluno) naturalmente alguns alunos começam a falar somente as sílabas em que se tem nota para tocar, sem perder a regularidade do pulso e da figura rítmica, neste caso a sílaba Ti não é prolongada pelo tempo de 3 semicolcheias ela é articulada somente na primeira semicolcheia, não se pronunciam as duas sílabas seguintes e se articula o último Que, fica assim:

Ti _ _ Que, Ti _ _ Que.

Porém, neste caso vale destacar que mentalmente se conta as duas sílabas, pois dessa forma se alcança uma maior exatidão rítmica.

Depois o professor mostra mais um ponto de apoio e assimilação para os alunos que é a questão de as palavras serem de fácil assimilação para alguns ritmos populares, seguem os exemplos:

Tiquetaque – samba

Titata – valsa

Tita – pop e rock

Tiquetaquetaque – jongo

Para entendimento, o professor demonstra esses exemplos para os alunos cantando essas palavras dentro dos ritmos ditos, de forma que os alunos percebam a aproximação da palavra com os ritmos.

Desta forma percebemos que o método atua em três áreas: percepção auditiva onde o aluno, através da idéia auditiva do som emitido pela maquina do relógio, identifica as partes do tempo (subdivisão); percepção visual, onde o aluno percebe onde as notas ficam embaixo

das sílabas e associação com ritmos populares que permite o aluno identificar as palavras através de ritmos populares.

Neste capítulo, conhecemos um pouco dos professores Eliseu Moreira Costa e André Santos e uma parte de suas trajetórias musicais até conhecerem o método e as suas opiniões. Vimos como o método é aplicado em sala de aula, as partes que são de autoria do professor Edgar Nunes Rocca e as partes que são de autoria do professor Eliseu Moreira Costa. Através de pequenos textos que Edgar escreveu em seus dois livros “Método Completo de Bateria” e “Ritmos Brasileiros e seus Instrumentos de Percussão” e de declarações dadas por Eliseu, analisamos o processo de criação do método.

CAPÍTULO II – O MÉTODO É EFICAZ?

Este capítulo se propõe a verificar a eficiência do método. Para cumprir tal objetivo, utilizei um questionário com alunos e profissionais que estudaram com o método e relatos de professores, além de confrontar tais dados com minhas experiências pessoais com o método.

2.1 Entrevistas

O questionário tinha os seguintes campos para serem preenchidos: Nome; Idade; Estudante, profissional ou ambos; Músico erudito, popular ou ambos; Qual instituição de ensino e qual período?; Local de trabalho; Estuda percussão e/ou bateria há quanto tempo?; Conhece o método de subdivisão “tiquetaque” há quanto tempo?; Como conheceu o método?; Cite pontos positivos e negativos do método; Já usava outras formas de subdividir o pulso?; Quais?; Qual forma de subdividir você acha mais eficiente? O “tiquetaque” ou as outras formas que você aprendeu?; Explique sua resposta; Observações: Espaço destinado para qualquer observação que o entrevistado queira fazer em relação ao método.

Muitos questionários tiveram campos deixados em branco e repetição de respostas em diferentes campos. Por esse motivo os questionários serão apresentados somente com o que foi preenchido, em forma de texto e em ordem alfabética.

2.1.1 Questionário de Almir Sodré.

Almir Sodré, 43 anos, estudante do 5º período da Escola de Música Villa-Lobos, músico popular, atua como autônomo, estuda percussão e bateria há 2 anos e conheceu o método há 2 anos através do professor André Santos

Considera como ponto positivo do método o fato de que ficou mais fácil entender as subdivisões e os valores das notas. Cita como ponto negativo a dificuldade que ele sente em falar as palavras e tocar ao mesmo tempo. Já tocava, mas nunca havia estudado e já tinha uma noção da divisão com números. O Tiquetaque lhe deu mais segurança para entender as figuras rítmicas, está conseguindo ler (devagar) com mais convicção. Almir acha que o método deveria ser adotado por outras escolas.

2.1.2 Questionário de Anderson Clayton dos Santos.

Anderson Clayton dos Santos, 29 anos, estudante do 3º período do curso de produção cultural da IFRJ, músico erudito e popular, trabalha no SESC de Duque de Caxias e atua como autônomo, estuda bateria e percussão há 8 anos e conheceu o método tiquetaque há 7 anos na Escola de Música Villa-Lobos.

Considera como ponto positivo o fato de o método ser de fácil assimilação porque é fácil relacionar com a leitura métrica, considera como ponto negativo o fato do método não se aplicar as divisões de 5 e 7 notas. Antes de conhecer o tiquetaque Anderson utilizava 1iea, 2iea, 3iea e assim por diante, para subdividir o tempo e achou o tiquetaque mais eficiente, pois depois do primeiro contato e a assimilação dos padrões para subdivisão considera o método mais intuitivo, considera uma das soluções pedagógicas ligadas ao ritmo que melhor

atendem no ensino da percussão. Para alunos que acham não ter coordenação necessária, é sempre a primeira opção que ele utiliza como professor, pois logo se quebra a barreira com o aluno que não se acha capaz de subdividir corretamente.

2.1.3 Questionário de André Silvestre Fernandes.

André Silvestre Fernandes, 32 anos, estudante do 6º período do curso de Licenciatura em música da UFRJ, músico erudito e popular, trabalha como professor de música para crianças na ONG São Martinho, estuda percussão e bateria há 10 anos e conheceu o método tiquetaque há 5 anos na Escola de Música Villa-lobos.

Considera ponto positivo o fato de se subdividir o tempo com uma boa lógica e com precisão devido à silabação da palavra ser produzida por consoantes. Antes de conhecer o tiquetaque André subdividia o tempo contando números e achou o tiquetaque uma forma mais fluida, pois segundo ele em andamentos rápidos o tiquetaque é mais fácil de contar do que os números. André utiliza o tiquetaque na ONG onde trabalha.

2.1.4 Questionário de Ayres D'Athayde.

Ayres D'Athayde, 43 anos, estudante do 8º período do curso de Licenciatura em música da UNIRIO, músico erudito e popular, atua como autônomo, estuda bateria há 25 anos e conheceu o método tiquetaque há 5 anos através do professor André Santos.

Considera como ponto positivo a silabação rítmica da divisão do pulso relacionada ao som do relógio, que se associa à marcação e divisão do tempo. Antes de conhecer o

tiquetaque Ayres já usava outras onomatopéias como “tacataca” e “pagutugu” e o método Gazzi de Sá. Ayres considera que todas as formas de subdividir o tempo somadas ajudam, e que quanto mais associações entre o ritmo musical com a musicalidade das palavras, maior é a facilitação do entendimento da frase musical.

2.1.5 Questionário de Cássio Acioli.

Cássio Acioli, 30 anos, músico erudito e popular, atua como autônomo, estuda percussão e bateria há 14 anos, conheceu o método tiquetaque há 14 anos na Escola de Música Villa-Lobos.

Considera como ponto positivo a facilidade de associação da subdivisão e o ritmo empregado. Antes de conhecer o tiquetaque Cássio usava um-do-te-ca para subdividir o pulso, considera ambas as formas eficientes. Porém, pelo tempo maior de estudo com o tiquetaque e a rotina, ficou natural para ele essa forma de contar subdivisão do pulso.

2.1.6 Questionário de Clarice de A. M. Levy Tavares.

Clarice Tavares, 30 anos, estudante do 6º período do curso de bacharel em percussão da UNIRIO, musicista erudita e popular, trabalha como professora na escola de musicalização Tatibitati, estuda percussão há 8 anos e bateria há 2 anos e meio e conheceu o método tiquetaque há 7 anos na Escola de Musica Villa-Lobos.

Considera como ponto negativo o fato de não existir um palavra específica para quiálteras que não são múltiplas de 3 como 7 e 11. Antes de conhecer o tiquetaque Clarice

subdividia cada parte do tempo com a sílaba Tá, considera o tiquetaque uma forma mais eficiente, pois é uma maneira simples de se pensar a divisão rítmica, proporcionando uma facilidade de pensamento e associação da palavra. Quando se conta os tempos dentro de um compasso substitui-se a sílaba Ti por um número ex 1quetaque, 2quetaque, fato que ela considera mais um facilitador comparado com a subdivisão com números.

2.1.7 Questionário de Leonardo Bandeira.

Leonardo Bandeira, 29 anos, estudante da Escola de música Lorenzo Fernandes, músico erudito e popular, trabalha no musical “Hollywood a magia do cinema”, estuda bateria há 15 anos e percussão há 3 anos, conheceu o método tiquetaque há 5 anos na Escola de música Villa-Lobos através do professor Eliseu Moreira Costa.

Considera como ponto positivo o fato de que o método facilita a compreensão da divisão rítmica e aumenta a precisão do músico. Antes de conhecer o tiquetaque Leonardo usava palavras específicas para cada divisão rítmica e considera essa forma mais eficiente do que o tiquetaque pelo fato de ter uma divisão silábica para cada uma das divisões sem repetição de sílabas e com mais possibilidades de divisão.

2.1.8 Questionário de Luciano Lourenço Gonçalves

Luciano Gonçalves, 19 anos, estudante do 2º período da Escola de Música Villa-Lobos, músico erudito e popular, atua como autônomo, estuda bateria e percussão há 4 anos e conheceu o método tiquetaque há 1 ano na Escola de Música Villa-Lobos.

Considera como ponto positivo o fato de que o método é bom para quem não sabe ou está aprendendo a ler e é fácil de achar as acentuações da música. Como negativo cita que quem só estuda com o tiquetaque fica “mal acostumado”.

2.1.9 Questionário de Marcos Antonio.

Marcos Antonio, 20 anos, estudante da Escola de Música Villa-Lobos, músico popular, atua como autônomo e conheceu o método tiquetaque há 2 anos através do professor Eliseu Moreira Costa.

Considera como ponto positivo o fato de que pulsar contado o tiquetaque proporcionar mais sentimento para os ritmos da leitura. Considera uma forma de subdividir muito bem explicada.

2.1.10 Questionário de Mauri de Oliveira.

Mauri de Oliveira, 80 anos, estudante do 4º período da Escola de Música Villa-Lobos, músico erudito e popular. Estuda bateria e percussão há 2 anos e conheceu o método tiquetaque há 2 anos na Escola de Música Villa-Lobos.

Considera como ponto positivo o fato do método facilitar a divisão pelo uso de sílabas e como ponto negativo diz que o fato de ter que pronunciar as sílabas é um elemento a mais para a elaboração mental. Antes de conhecer o tiquetaque Mauri utilizava a percepção direta, pela prática do ditado e leitura rítmica, considera que a eficiência das duas formas dependem da prática e podem ser usadas simultaneamente, acredita que somente através da prática

contínua se adquire maior ou menor facilidade na execução; no uso simultâneo, as dificuldades de um método podem ser supridas pelas facilidades do outro.

2.1.11 Questionário de Milton Carlos Vicente

Milton Carlos Vicente, 29 anos, estudante da UNIRIO (matrícula trancada), músico erudito e popular, atua como autônomo, estuda bateria e percussão há 10 anos e conheceu o método tiquetaque há 10 anos através do professor Eliseu Moreira Costa na Escola de Música Villa-Lobos.

Considera como ponto positivo o fato de o método ser fácil para fixação da noção de subdivisão interna de tempo, facilitando a execução musical. Acredita que toda forma de subdivisão é válida, desde que seja estudada com seriedade, não havendo pior nem pior, e sim tempo de dedicação a tal método.

2.1.12 Questionário Nirailton Nascimento Soares

Nirailton Nascimento Soares, 58 anos, estudante do 2º período do IBEC, músico erudito e popular, percussionista da OSN-UFF, estuda bateria e percussão há aproximadamente 45 anos e conheceu o método tiquetaque há aproximadamente 45 anos através do professor Edgar Nunes Rocca.

Antes de conhecer o tiquetaque Nirailton usava 1E, 2E, para subdividir o tempo, considera todos os métodos eficientes desde que sejam adequados à necessidade do aluno. Segundo ele, as necessidades de cada aluno requerem do professor a aplicação de não só uma

metodologia, mas sim buscar juntamente com ele um método que seja mais adequado as suas necessidades. Dentre as várias propostas de ensino, o método tiquetaque não só contribuiu para a sua formação profissional, mas principalmente através do conhecimento adquirido por ele conseguiu avançar no estudo do ritmo de forma segura, ultrapassando fronteiras nas quais, para sua alegria encontra princípios que confirmam a grandeza desse método. Nirailton sente-se privilegiado por ter participado de aulas com o professor Edgar.

2.1.13 Questionário Paula Buscácio V. Ramos.

Paula Buscácio V. Ramos, 29 anos, estudante do 8º período do curso de licenciatura em música da UFRJ, musicista erudita e popular, atua como autônoma, estuda bateria e percussão há 10 anos e conheceu o método tiquetaque há 10 anos através do professor André Santos na Escola de Música Villa-Lobos.

Considera como ponto positivo o fato do método possibilitar rapidez na apreensão da subdivisão e leitura, maior compreensão e firmeza do andamento. Antes de conhecer o tiquetaque Paula subdividia cada parte do tempo com a sílaba Tá, considera o tiquetaque mais eficiente por proporcionar uma divisão mais precisa e uma codificação mais rápida do ritmo. Paula acredita que o método se mostra eficiente até mesmo para outros instrumentistas que não percussão e bateria, uma vez que ela já utilizou este método em uma turma de teoria musical, quando atuava como estagiária em um turma de pré-adolescentes, também já utilizou o tiquetaque informalmente quando algum amigo lhe pedia esclarecimentos a respeito de dúvidas em relação à divisão rítmica.

2.1.14 Questionário Rafaela de Oliveira Calvet

Rafaela de Oliveira Calvet, 27 anos, estudante do último período do curso de bacharel em percussão da UFRJ, musicista erudita e popular, percussionista e baterista da Banda sinfônica Santa Cecília, estuda percussão há 10 anos e conheceu o método tiquetaque há 10 anos através do professor Eliseu Moreira Costa na Escola de Música Villa-Lobos.

Considera como ponto positivo o fato de o método ser de fácil assimilação silábica e como ponto negativo o fato de não ser possível utilizar a divisão silábica para quiálteras ímpares que não sejam múltiplas de 3. Antes de conhecer o tiquetaque Rafaela usava 1iea, 2iea e 1ea,2ea, para subdividir o tempo, considera o tiquetaque mais eficiente por ser de fácil assimilação e por aproximar a divisão do tempo do som do relógio acreditando que gera uma maior segurança na subdivisão e o tempo musical fica menos abstrato e o som do tiquetaque é foneticamente mais simples de executar.

2.1.15 Questionário de Raphael D'Oliveira.

Raphael D'Oliveira, 18 anos, estudante do 2º período da Escola de Música Villa-Lobos, músico popular, estuda bateria há 1 ano e conheceu o método tiquetaque há 6 meses na Escola de Música Villa-Lobos.

Considera como ponto positivo o fato de que ao pronunciar as subdivisões, fica bem clara a localização de certa figura, acento ou pausa na partitura. Antes de conhecer o tiquetaque Raphael utilizava subdivisão com números e considera o tiquetaque mais eficiente, pois a subdivisão fica bem clara.

2.1.16 Questionário Sebastião Marcos Neto.

Sebastião Marcos Neto, 57 anos, estudante da Escola de Música Villa-Lobos, estuda percussão há 2 anos e conheceu o método tiquetaque há 2 anos através do professor André Santos.

Considera como ponto positivo o fato do método ajudar a assimilar melhor a divisão. Antes de conhecer o tiquetaque Sebastião utilizava subdivisão com números e a palavra “ligerito” e considera o tiquetaque mais eficiente.

2.1.17 Questionário de Sérgio Naidin.¹

Sérgio Naidin, 50 anos, músico erudito e popular, percussionista da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal. Estuda bateria e percussão há 35 anos, e conheceu o método tiquetaque há 35 anos através do professor Edgar Nunes Rocca.

Considera como ponto positivo o fato do método ajudar na precisão dos ataques, principalmente nas partes fracas do tempo (que) e que para iniciantes ajuda a pensar na imagem do relógio a fim de automatizar as proporções. Como ponto negativo não vê como aplicar o método em situações de agrupamentos de ritmos ou irregulares ou a quiálteras. Antes de conhecer o tiquetaque Sérgio usava a proporcionalidade das durações e prefere usar a contagem com números das menores subdivisões das articulações, pois acha mais objetivo não ter que fazer abstração e o atrapalharia ter que usar um método para divisão. Também acha mais importante na leitura à primeira vista tentar relacionar as subdivisões mais difíceis à grafia visual, o tiquetaque lhe parece mais sonoro como símbolo do que visual.

¹ Sérgio desconhece as adaptações feitas por Eliseu, ou seja, desconhece a aplicação do método a quiálteras de 3.

2.2 Relatos

Colocarei agora alguns relatos de professores de situações que eles encontraram no cotidiano da profissão e que de alguma forma utilizaram o método mediante tais situações.

Neste momento cabe anunciar que os percussionistas Anderson Clayton dos Santos e Anderson Gomes Xavier atuam como professores de um projeto chamado BANDA LARGA – Programa de atualização para Bandas de Música do Estado do Rio de Janeiro. Esse projeto é vinculado à Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro (SEC) e consiste em um grupo de professores viajarem pelo interior do Rio de Janeiro para dar aulas para músicos de bandas civis de suas cidades. Para tal projeto, eles elaboraram uma apostila com todos os exercícios apoiados pelo método tiquetaque. Até onde se sabe este é o primeiro material editado onde o método aplicado é o tiquetaque (o tiquetaque antes era apenas mencionado no livro de Edgar Nunes Rocca).

Anderson Clayton dos Santos mencionou que ele deu aula por cinco dias em Cabo Frio para uma turma de 10 alunos dos quais somente um lia partitura. Então, além de dar aula de percussão e bateria, ele também teve que dar aula de teoria musical. Ele acredita que o tiquetaque lhe poupou um tempo imenso porque depois que ele explicou as figuras rítmicas e as durações já usou o tiquetaque e os alunos conseguiram assimilar rapidamente, sendo que no quinto dia já conseguiam executar os exercícios com mais independência.

O professor André Santos considera que o método aproxima o estudante de música da questão da leitura rítmica pelo ponto de vista prático. O aluno lê tocando e toca lendo, para exemplificar isso, ele cita uma situação em que ele foi convidado para dar aula no Festival Música na Ibiapaba e ele se deparou com um aluno que era analfabeto funcional (sabia ler pequenas coisas como o próprio nome, mas não conseguiu ler frases ou textos) e que através do

tiquetaque consegui associar as figuras rítmicas com as palavras e tocar algumas figuras bem simples.

Quando dei aula no CEIM – Centro de Iniciação Musical, tive um aluno que tinha muita dificuldade em executar os exercícios. Como eu não sabia se ele não tinha entendido o método ou se era falta de estudo em casa durante a semana, pedi que ele tocasse o exercício muito lentamente. Porém, ele continuava errando. Então, eu insistia para ele contar o tiquetaque e, bem lentamente, ele conseguia tocar o exercício corretamente. Concluí, então, que ele havia entendido como o método funcionava e o que faltava era estudo semanal. Após uma conversa com esse aluno à respeito de como ele deveria estudar, o seu rendimento nas aulas melhorou significativamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a analisar e divulgar a parte da contagem da subdivisão do tempo musical através da onomatopeia conhecida como tiquetaque, a fim de amenizar os efeitos nocivos causados pela abstração do tempo musical.

Como leitura, utilizei José Eduardo Gramani e Edgar Nunes Rocca (autor do método em questão). Em Gramani percebemos a pouca importância dada ao estudo do ritmo e em Rocca tentamos analisar as idéias que o levaram a criar esse método silábico.

Para tentar comprovar a eficiência do método, utilizei um questionário elaborado por mim mesmo para colher a opinião de diversos percussionistas e entrevistas feitas com os professores Eliseu Moreira Costa e André Santos.

Vimos através das entrevistas que o método foi bem aceito por muitos percussionistas e que a utilização de outras palavras também é uma prática comum. Percebemos que o método pode ser aplicado para outros instrumentos e também para aulas de musicalização ou para aulas de teoria musical. Podemos também observar que o método não exclui o estudante pela idade, já que foram entrevistados alunos com 18 anos e vimos um entrevistado de 80 anos que conheceu o método há 2 anos. Observamos também que nem mesmo a dificuldade com a língua portuguesa é um empecilho para quem estuda com o método, e que dentre os entrevistados alguns já estão inseridos no mercado de trabalho, o que nos faz chegar à conclusão que o método é eficiente.

REFERÊNCIAS

GRAMANI, José Eduardo. *Rítmica*. São Paulo: Perspectiva, 2007

ROCCA, Edgar Nunes. *Método Completo de Bateria*, Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Música – EBM – Europa, 1986

ROCCA, Edgar Nunes. *Ritmos Brasileiros e seus Instrumentos de Percussão*, Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Música – EBM – Europa, 1986